

PROCEDIMENTOS ARQUEOLÓGICOS DE FOUCAULT: DA REVISÃO À OTIMIZAÇÃO

LOS PROCEDIMIENTOS ARQUEOLÓGICOS DE FOUCAULT: DE LA REVISIÓN A LA
OPTIMIZACIÓN

FOUCAULT'S ARCHAEOLOGICAL PROCEDURES: FROM REVISION TO OPTIMIZATION

Vinícius Dias de Melo*

Universidade Estadual de Campinas

Artur José Renda Vitorino**

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

RESUMO: A proposta deste artigo busca atingir dois objetivos. Em primeira instância pondera-se sobre alguns problemas de procedimentos e clareza das definições entre o nível referencial e a análise da formação dos objetos do discurso. Serão expostos argumentos e reflexões que conduzam à resolução dessas dificuldades de definição e clareza conceitual. O segundo objetivo consiste em recortar e redefinir alguns procedimentos relativos à análise referencial e da formação dos objetos discursivos, tornando-os mais palatáveis, precisos e definidos. Esse objetivo advém da constatação de que a arqueologia foucauldiana, mais especificamente em relação a esse instrumento de análise de discursos, carece de clareza e de definições bem delimitadas. Tal situação ofereceu a oportunidade de otimizar esse instrumento, tornando mais acessível e eficaz para pesquisadores que analisam discursos, seja do ponto de vista histórico ou de outras áreas das ciências humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Discursos. Foucault. Arqueologia. Método.

RESUMEN: Para el propósito de este artículo, buscamos alcanzar dos objetivos. En primera instancia, se consideran algunos problemas de procedimiento y de claridad de definiciones entre el nivel referencial y el análisis de la formación de dos objetos de discurso. Se expondrán argumentos y reflexiones que conlleven a la resolución de estas dificultades de definición y claridad conceptual. El segundo objetivo es recortar y redefinir algunos procedimientos relacionados con el análisis referencial y la formación de los objetos discursivos, haciéndolos más apetecibles, precisos y definidos. Este objetivo proviene de la realización de que la arqueología foucaultiana, más específicamente en relación con este instrumento de análisis del discurso, carece de claridad y de

* Licenciado em História e Mestre em educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Doutorado em andamento em Educação. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil. E-mail: vinicius.diasdemelo@gmail.com.

** Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil. E-mail: arturvitorino@puc-campinas.edu.br.

definiciones bien definidas. Tal situación ofrece una oportunidad para optimizar este instrumento, haciéndolo más accesible y efectivo para los investigadores que analizan discursos, desde un punto de vista histórico o de otras áreas de las ciencias humanas.

PALABRAS-CLAVE: Discursos. Foucault. Arqueología. Método.

ABSTRACT: The purpose of this article seeks to achieve two objectives. In the first instance, some problems of procedures and clarity of definitions between the referential level and the analysis of the formation of discourse objects are considered. Arguments and reflections that lead to the resolution of these difficulties of definition and conceptual clarity will be exposed. The second objective is to cut and redefine some procedures related to referential analysis and the formation of discursive objects, making them more palatable, precise and defined. This objective comes from the observation that Foucauldian archaeology, more specifically in relation to this instrument of discourse analysis, lacks clarity and well-defined definitions. This situation offered the opportunity to optimize this instrument, making it more accessible and effective for researchers who analyze discourses, whether from a historical point of view or from other areas of the human sciences.

KEYWORDS: Discourses. Foucault. Archeology. Method.

1 INTRODUÇÃO

A arqueologia foucauldiana consiste em um conjunto de reflexões críticas perante a outros modelos historiográficos chamados de “História das ideias” e/ou “História das mentalidades”. A crítica foucauldiana, explícita nos dois primeiros capítulos (FOUCAULT, 2008) e na última parte do livro, abriu espaço para propor soluções destinadas a superar as fraquezas metodológicas desses modelos historiográficos e suas premissas.

Esse conjunto de soluções é concebido como o arcabouço instrumental da arqueologia foucauldiana. Consiste em uma série de premissas/fundamentos e procedimentos de análise dedicados ao exame de discursos em uma perspectiva da reconstituição histórica dos processos e práticas que constituíram saberes, ciências, verdades, inverdades, axiomas, disciplinas etc.

Foucault (2008) desenvolveu quatro direções de análise do discurso em busca de fundamentos e instrumentos que pudessem, respectivamente, converter o olhar do historiador e/ou analista do discurso em relação aos seus particulares conceitos de saber, enunciado, positividade, prática discursiva e discurso e, simultaneamente, oferecer um esboço de instrumentos de análise que permitisse analisar um discurso em coerência com esses conceitos fundantes de sua arqueologia discursiva.

Essas quatro direções de análise foram nomeadas como: referencial do enunciado, sujeito do enunciado/posições subjetivas no enunciado, campo/domínio associado do enunciado e a materialidade repetível do enunciado. Para cada uma dessas quatro direções, Foucault (2008) desenvolveu quatro instrumentos de análise que permitem examinar, de acordo com essas direções/fundamentos de análise, os discursos sob a perspectiva arqueológica. Esses quatro instrumentos são chamados de análises das formações discursivas, no caso: formação dos objetos, formação das posições subjetivas, formação dos conceitos e formação das estratégias.

Esses quatro níveis e procedimentos de análises desenvolvidos por Foucault foram avaliados entre si, e, após essas pré-avaliação, foi constatado que o nível referencial, respectivo ao instrumento de análise da formação dos objetos, era o nível mais importante dos procedimentos arqueológicos. O domínio referencial teve sua relevância sobreposta perante os outros três níveis (sujeito, campo associado e materialidade repetível), cujas reflexões sobre os mesmos, levou-nos a considerar necessário aprofundar alguns outros aspectos que envolvem o nível referencial e a análise dos objetos do discurso, na perspectiva de solucionar alguns problemas que o próprio Foucault (2008) admitiu e, em desdobra, oferecer uma reescrita, um conjunto de recortes e algumas adaptações para oferecer um instrumento aplicável, claro e prático para historiadores e analistas do discurso em geral.

2 O ENUNCIADO EM FOUCAULT

A produção do sentido é a função da linguagem, e no desempenho dessa função torna-se inteligível a remissão entre um significante e um significado, quando a função se efetiva, ocorre o lampejo do sentido na consciência de quem lê.

O lampejo de um sentido determinado, consiste na atitude de cerceamento das possibilidades de interpretação para que determinado signo signifique determinada coisa ou relação; caso contrário, seria necessário, por parte do leitor, considerar todas as possibilidades semânticas, uma exaustiva hermenêutica no exame de cada frase e texto, o que tornaria esse processo em uma comunicação inviável.

Sendo então a função enunciativa especificamente a função de remissão a um sentido determinado, é necessário examinar as características observáveis nos vestígios indicadores da produção dessa remissão. Portanto, pelo fato de da remissão ao sentido ser um produto, a produção do sentido é um fazer, e, por essa razão, caracteriza-se como uma prática (VEYNE, 1982).

Isso significa que toda vez que há enunciado, ou seja, que a produção de sentido é exercida na forma de signo, pode-se investigar as práticas históricas e de sua produção pelos aspectos do enunciado. Para analisar esses níveis, Foucault (2008) propôs quatro conjuntos de procedimentos que são correlatos aos quatro aspectos enunciativos, quais sejam: a formação dos objetos, a formação das modalidades enunciativas, a formação dos conceitos e a formação das estratégias.

3 OS NÍVEIS E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

O referencial do enunciado é o primeiro nível de análise dos signos. O enunciado e o que enuncia não podem ser confundidos com o exame dos referentes ou ausência de referentes de uma proposição ou do sentido ou ausência de sentido de uma frase, pois

[...] é o correlato do enunciado – aquilo a que se refere, o que é posto em jogo por ele, não apenas o que é dito, mas aquilo de que fala, seu “tema” – que permite dizer se a proposição tem um referente ou não: é ele que permite decidir quanto a isso, de maneira definitiva. [...] É preciso saber a que se refere o enunciado, qual é seu espaço de correlações [domínio do referencial do enunciado], para poder dizer se uma proposição tem ou não um referente. (FOUCAULT, 2008, p.100-101)

Esse espaço de correlações são os parâmetros que tornam admissível e inteligível qualquer significação, pois cria o referencial regulatório do sentido, fundo no qual pode ser admissível e autorizado a constatação do “fazer sentido”.

O referencial do enunciado é o nível de análise que tem primazia sobre os outros três, e Foucault (2008, p.103) admite isso ao afirmar que:

O referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade. É esse conjunto que caracteriza o nível enunciativo da formulação [...]

Por ser o nível que caracteriza os signos enquanto enunciados, pois são analisados no *nível enunciativo*, pode-se dizer que pela primazia a análise do nível referencial tem destaque na arqueologia foucauldiana em comparação aos outros níveis. Sem esse nível, não avançaríamos na análise do discurso para além do exame do sentido e do referente, estes continuariam a ser o fim da análise. Porém, se o objetivo é detectar as práticas discursivas, humanas e históricas, que eternizam os sentidos e as verdades de sua época por meio da linguagem, necessita-se propor o fim da análise sob o *dado enunciativo* observável no plano de fundo, em seu nível referencial no qual correlações de pressupostos regem a coerência e admissibilidade do sentido e da verdade

O referencial do enunciado, caracteriza um nível de análise no qual, pela perspectiva de exame dos dados enunciativos, descreve-se os fundamentos cujo sentido e a verdade se assentam, e pela pressuposição dessas correlações referenciais, muitas vezes admitidas de modo não consciente (por isso positivos). Porém, é necessário um conjunto de procedimentos para observar e examinar esses dados enunciativos. Enfim, podemos perguntar: como descrever os alicerces do sentido e da verdade?

Foucault (2008) admite que o nível do referencial do enunciado é o nível onde se formam os objetos do discurso. Por objeto, não se confundem, necessariamente, elementos materiais, mas também imateriais como relações, doenças mentais, sentimentos e ideias, por exemplo. Dito isto, objeto é aquilo de que o discurso, em seus enunciados, fala, discute, define, nomeia, diferencia, classifica, transforma e critica. Em síntese, é aquilo que o discurso forma, faz aparecer, e esse fazer aparecer é o que Veyne (1982), ao analisar Foucault, denominou de práticas objetivadoras. Como esse é um dos processos que este artigo considera como central para uma aplicação prática e, por ser o nível que caracteriza o nível enunciativo, no próximo tópico esse tema será desdobrado, criticado e reformulado para uma aplicação mais viável de seus procedimentos.

Para Foucault (2008, p.103-104), a segunda diferença entre um enunciado e um conjunto de elementos linguísticos é que ele mantém com um sujeito uma relação específica, e, essa relação deve ser isolada de outras com as quais poderia confundir-se, pois ele possui uma natureza própria. Como dito anteriormente, o domínio do referencial do enunciado é o que caracteriza o nível enunciativo, ao diferir esse nível de análise de outros níveis possíveis, como o nível gramático e o nível lógico da proposição, por exemplo.

4 O REFERENCIAL DO ENUNCIADO E OS OBJETOS DO DISCURSO

A ideia central é a de que práticas objetivam os entes, e por consequência, podem abordá-los como objetos, atribuindo nomes, delimitando e atribuindo suas propriedades, suas aplicações, definições, classificando-os; enfim, tornando-os elementos à mercê da manipulação e cognição humana.

Um ente, antes de ser, é uma possibilidade de ser e, enquanto tal, não é elemento cognoscível. Isso significa que um objeto não preexiste à prática que o forma enquanto objeto, porque antes de sua objetivação o objeto não é apreendido pela cognição humana, existe em si mesmo, enquanto ente, e tal existência não é nada ainda para os homens. Veyne (1982) fez essa leitura de Foucault, ao dizer que ele é um historiador das práticas objetivadoras e que, de fato, os objetos não preexistem à prática que os produziu/que os objetivou. Nota-se que essa leitura de Veyne também pode ser encontrada em Platão, em que Sócrates, no seu diálogo com Eutífron, já afirmava essa relação de precedência e sucessão entre objeto e prática:

SÓCRATES - Um momento, estimado amigo, temos um caminho melhor. Raciocina sobre isto: o que é piedoso tem a aprovação dos deuses pelo fato de ser piedoso, ou é piedoso por ter a aprovação dos deuses.

EUTÍFRON – Não entendo o que pretendes dizer, Sócrates.

SÓCRATES – Procurarei ser mais claro. Não fazemos distinção entre o que é levado e o que leva, o que é conduzido e o que conduz e o que é visto e o que vê? Compreendes que são coisas diversas e percebes que o são, não é assim?

EUTÍFRON – Parece-me estar compreendendo. [...]

Porém, dize-me agora: o que é levado o é porque se o leva, ou por algum outro motivo?

EUTÍFRON - Porque se o leva. [...]

SÓCRATES: Por conseguinte, não é por ser vista que se vê uma coisa, mas sim, se a vê para que seja vista. Nem porque é conduzida se a conduz, mas porque se a conduz é conduzida, e da mesma maneira, não é porque se a leva que é levada, mas é levada porque se a leva. Não te parece evidente, Eutífron, o que quero dizer? Pois, ei-lo: Quero dizer que, se algo se produz ou padece, não é produzida precisamente a causa da ação, mas a ação, a causa desse efeito, e não porque é sofrida que se produz, mas pelo fato de se produzir e que é sofrida. (PLATÃO, 1999, p.46-47)

Nesse excerto, percebe-se que a ideia de que os objetos não são em si aquilo que os homens dizem ser, e tal leitura remonta há milênios. Pelo menos desde Platão (no registro que fez do diálogo de Sócrates e Eutífron), a razão de ser do objeto é explicada pela prática que os objetiva deste ou daquele modo.

O que isso significa para a História em seu ensino e pesquisa? A partir de Foucault, essa teoria de que os objetos não preexistem às práticas objetivadoras desdobra na constatação que a tarefa do historiador é não mais discutir a validade dos objetos ou reduzir à prática da investigação histórica entre o que os homens disseram e o contexto desse dizer, limitado à especulação sobre a mentalidade da época e ao hábito de enumerar fatores de época (fatores contextuais) com causas de tais intelecções.

O historiador, por ser um profissional cujo objeto fica condicionado às fontes históricas, tenta aumentar a força de seu discurso e de seu acesso ao passado tornando esses vestígios como nós em um trama rasgada, utilizando tais vestígios para explicar elementos do passado que não podem acessar, como exemplo, especular sobre as intelecções (mentalidades e ideias) dos seres humanos, que se perderam quando não registradas ou inscritas por meio de objetos.

O pensamento de um homem do passado não é espelhado fidedignamente nas fontes históricas que produziu, porém, as fontes históricas não podem servir como mero pretexto para serem deturpadas como o indício do que os homens pensavam quando as produziram, nem de que sua causa de existência seja comandada por um contexto maior que influenciava os homens e não permitia que eles escapassem dessa força estrutural.

Esse tipo de prática da História foi criticado por Foucault (2008), principalmente no exemplo epistemológico da História das Mentalidades. Essa “escola histórica” explica as longas continuidades como decorrência de estruturas contextuais e/ou de uma mentalidade de época, ou, enxerga as rupturas como originalidades geniais de seres humanos à frente de seu próprio tempo.

Para Foucault (2008), é impossível acessar o pensamento dos homens, seja no passado ou no presente. A única coisa acessível para o historiador que utiliza fontes discursivas é o próprio discurso contido nessas fontes, não para repeti-lo, não para torná-lo signo do pensamento dos homens ou como um produto de um contexto, mas para encontrar no próprio discurso vestígios que clareiam a prática que o produziu na sua positividade, ou seja, na sua possibilidade de ser coerência, verdade e produzir sentido.

Nesta perspectiva, o referencial aparece como o critério fundamental para tratar signos enquanto enunciados na teoria arqueológica. Esse fundamento é, ao nosso ver, o principal conceito arqueológico, sob o qual toda a teoria está fundamentada. Consideramos esse nível como de relevância destacada, pois, para estar em consonância com Foucault (2008, p.103), valorizou-se o referencial do enunciado:

O referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade. É esse conjunto que caracteriza o nível enunciativo da formulação, por oposição a seu nível gramatical e a seu nível lógico: através da relação com esses diversos domínios de possibilidade, o enunciado faz de um sintagma, ou de uma série de símbolos, uma frase a que se pode, ou não, atribuir um sentido, uma proposição que pode receber ou não um valor de verdade.

Esse conjunto, o espaço de correlações no referencial do enunciado, é o que caracteriza o nível enunciativo, é o que permite tratar formulações e proposições; enfim, signos, enquanto enunciado na arqueologia foucaultiana. Enunciado, pois em sua existência singular, cada conjunto de signos enuncia, ao estabelecer um sentido, aquilo que permite o significado ter um sentido determinado, ou, ao contrário, não ter sentido; logo, o que é enunciado são parâmetros, condições e premissas que autorizam determinados sentidos e excluem outras possibilidades, caso contrário a linguagem seria ininteligível, pois, numa pletera de significados, não haveria compreensão até que se esgotasse por exaustão todos os possíveis significados.

Analisar formulações enquanto enunciados é operar em sentido reverso a relação entre significante e significado. Essa operação fica evidente nas palavras de Foucault (2008, p.125-126):

Ora, por mais que o enunciado não seja oculto, nem por isso ele é visível; [...] É necessária uma conversão do olhar e da atitude para poder reconhecê-lo e considerá-lo em si mesmo. [...] Ele tem essa quase-invisibilidade do 'há', que se apaga naquilo mesmo do qual se pode dizer: 'há tal ou tal coisa'. [...] a estrutura significante da linguagem remete sempre a outra coisa; os objetos aí se encontram designados; o sentido é visado; o sujeito é tomado como referência por um certo número de signos, mesmo se não está presente em si mesmo. A linguagem parece sempre povoada pelo outro, pelo ausente, pelo distante, pelo longínquo; ela é atormentada pela ausência. Não é ela o lugar de aparecimento de algo diferente de si e, nessa função, sua própria existência não parece se dissipar? Ora, se queremos descrever o nível enunciativo, é preciso levar em consideração justamente essa existência; interrogar a linguagem não na direção a que ela remete, mas na dimensão que a produz.

O conceito de objeto discursivo foi definido por Foucault (2008) como aquilo sobre o que se fala, que se nomeia, coloca-se existência e observação por certos conceitos e categorias, as quais, sobre ele, são postuladas asserções, negações e correlações.

Por consequência, se esses objetos são nomeados, categorizados, descritos, e a partir disso diversos tipos de constatações ou relações são postulados, cabe ao analista do discurso determinar, no exame das unidades significantes (frases, proposições, quadros, tabelas e fórmulas, por exemplo), como e quais objetos são, pela prática discursiva em questão, objetivados, ganhando a existência de objeto, dado que não são objetos até que alguém faça deles objetos. Antes disso, são entes, pois um ente é algo com possibilidade de *ser*; e essa possibilidade de ser alguma ou outra coisa, depende do que percebe e atribui determinada consideração sobre um aspecto do que ele é.

Esse é o movimento que se propõe para o exame de fontes discursivas, propondo esse método de Foucault com alterações, para torná-lo conclusivo e viável. Sua viabilidade prática está presente no capítulo das formações dos objetos (FOUCAULT, 2008, p. 45-55). No referido capítulo, Foucault estabelece três procedimentos para analisar a formação dos objetos. Ele descreve três procedimentos: i) as superfícies de emergência; ii) as instâncias de delimitação; e iii) as grades de especificação:

Seria preciso inicialmente demarcar as superfícies primeiras de sua emergência: mostrar onde podem surgir, para que possam, em seguida, ser designadas e analisadas essas diferenças individuais que, segundo os graus de racionalização, os códigos conceituais e os tipos de teoria, vão receber a qualificação de doença, alienação, anomalia, demência, neurose ou psicose, degenerescência etc. [...] Seria necessário descrever, além disso, instâncias de delimitação: a medicina (como instituição regulamentada, como conjunto de indivíduos que constituem o corpo médico, como saber e prática, como competência reconhecida pela opinião pública, a justiça e a administração) tornou-se, no século XIX, a instância superior que, na sociedade, distingue, designa, nomeia e instaura a loucura como objeto; mas não foi a única a representar esse papel: a justiça, e particularmente a justiça penal (com as definições da escusa, da irresponsabilidade, das circunstâncias atenuantes e com o uso de noções como as de crime passionnal, de hereditariedade, de perigo social), a autoridade religiosa (na medida em que se estabelece como instância de decisão que separa o místico do patológico, o espiritual do corporal, o sobrenatural do anormal, e na medida em que pratica a direção de consciência mais para um conhecimento dos indivíduos do que para uma classificação casuística das ações e das circunstâncias), a crítica literária e artística (que, no curso do século XIX, trata a obra cada vez menos como um objeto de apreciação que deve ser julgado, e cada vez mais como uma linguagem que deve ser interpretada e em que é preciso reconhecer os jogos de expressão de um autor). [...] Analisar finalmente as grades de especificação: trata-se dos sistemas segundo os quais separamos, opomos, associamos, reagrupamos, classificamos, derivamos, umas das outras, as diferentes "loucuras" como objetos do discurso psiquiátrico (essas grades de diferenciação foram, no século XIX, a alma, como grupo de faculdades hierarquizadas, vizinhas e mais ou menos interpenetráveis; o corpo, como volume tridimensional de órgãos ligados por esquemas de dependência e de comunicação; a vida e a história dos indivíduos, como sequência linear de fases, emaranhado de traços, conjunto de reativações virtuais, repetições cíclicas; os jogos das correlações neuropsicológicas como sistemas de projeções recíprocas e campo de causalidade circular). (FOUCAULT, 2008, p. 46-47)

O que se pode afirmar sobre esses três procedimentos (que depois foram por Foucault interrelacionados de modo triunívoco) é que eles se originaram das pesquisas que ele realizou. Aquilo que ele observou no que examinava sobre a medicina e a psiquiatria, tornou-se como modelo para examinar as formações dos objetos de qualquer discurso, na forma desses três procedimentos.

É possível considerar que ele explica o procedimento por exemplos de como o aplicou, mas não considerou exprimir o procedimento como procedimento universal possível de submeter-se a qualquer exame da formação dos objetos de qualquer discurso. Mas, essa situação é compreensível, pois Foucault (2008) não tentou produzir o método arqueológico como um método exclusivo para analisar ciências ou sua história, mas que o método surgiu a partir do modo como investigava suas fontes correlatas a esses temas. Isso significa que não é um método feito para suas pesquisas, mas produzido e formalizado a partir delas.

Outro ponto é que Foucault não demonstrou, com clareza, como o *referencial do enunciado* se relaciona com o exame da formação dos objetos, no máximo, indicou que ambos constituem um processo biunívoco e complementar (FOUCAULT, 2008). Quanto a isso, pode-se supor que esses três procedimentos sejam as etapas do exame do referencial dos objetos no qual foram formados, mas trata-se de uma suposição.

Por esses motivos, consideramos esses procedimentos muito particulares às pesquisas de Foucault, e seus escritos na arqueologia, apesar de frutíferos para abrir direções de análise do discurso, não permite, com clareza, a aplicação de seus instrumentos conceituais e analíticos. Esse é um dos motivos que podemos considerar a análise da formação dos objetos, enquanto ferramenta metodológica de análise do discurso, inconclusa, pouco aplicável e não universal.

Cabe agora iniciar a reconstrução desses instrumentos, para analisar objetos de discursos, na intenção de torná-lo, talvez, efetivamente de validade geral.

5 MÉTODO DE ANÁLISE REFERENCIAL DOS OBJETOS DISCURSIVOS

O que buscamos examinar, inicialmente, na estrutura de um texto é revelar, a partir do que é dito sobre alguma coisa, os parâmetros referenciais utilizados na produção de um objeto discursivo.

Isso depende primeiro de uma atitude de recorte, por exemplo, quando se examina um objeto em um texto, ou em diversos textos, cabe ao arqueólogo do discurso duas possibilidades: 1) ou examinará, por exaustão minuciosa, tudo o que está escrito nesses textos sobre esse objeto; 2) ou realizar recortes nos textos. É possível centrar-se somente nos trechos em que se descreve o objeto central, por meio de excertos retirados do texto, ou examinar todo o conjunto.

Independente da opção, cabe ao analista do discurso enumerar qual é o objeto primário, secundário e terciário (ou conjunto desses objetos, pois às vezes há mais de um objeto primário), e argumentar por quais critérios foram alocados nessa ordem de prioridades. Em outros termos, o exame desse tipo de situação pode ser chamado de texto e contexto discursivo, conforme Koselleck (1992, p. 136-137), contexto é tudo aquilo (frases e parágrafos) que antecede ou sucede o excerto (texto) em exame, por exemplo, em um livro.

A segunda etapa consiste na análise referencial. Nesta análise questiona-se os enunciados que estão relacionados aos objetos estudados. Neste processo são analisadas e selecionadas as regularidades referenciais que o arqueólogo considera essencial na formação desses objetos. Após essa seleção e comparação dos referenciais que constroem os objetos é iniciada a descrição referencial, respondendo à seguinte questão: Quais as condições, parâmetros, fundamentos e/ou pressupostos estão empregadas na estruturação de seu sentido expresso? O resultado dessa concatenação de referenciais é conceitualizado como o feixe de relações que o discurso efetua para formar e falar de seus objetos?

Após responder a essa pergunta, segue-se para a terceira operação, a análise da *formação dos objetos* sob a perspectiva histórica das práticas discursivas. Esse processo só ocorre após a análise referencial, pois é necessário primeiro identificar, separar, comparar e resumir a análise do *feixe de relações referenciais* dos objetos para, a partir dele, deduzir as *práticas histórico-discursivas* que possivelmente deram origem a esse modo de dizer e, portanto, deram existência discursiva com um fundo de coerência aos objetos e relações da realidade.

Por esse fio de análise demonstra-se que a realidade, supostamente traduzida pela verodicação discursiva, deixa pistas dos

pressupostos, condições e práticas históricas que constituíram os objetos de que falamos pelas relações que colocam em jogo no processo da manifestação discursiva do objeto.

A partir da descrição referencial somada à descrição do feixe de relações da formação dos objetos, podemos relevar as práticas discursivas (que na verdade são práticas da realidade concretizada e ao mesmo tempo discursivas porque se manifestam e são reveladas na documentação discursiva). Tal atitude significa que, para descrever a formação dos objetos, trata-se de identificar nos enunciados “[...] os relacionamentos que caracterizam uma prática discursiva [...] como lugar onde se forma ou se deforma, onde aparece e se apaga uma pluralidade emaranhada [...] de objetos” (FOUCAULT, 2008, p.54).

Então, em forma sintetizada, temos um conjunto de três etapas: recorte dos objetos, análise do referencial dos enunciados e das relações de formação dos objetos e reconstituição das práticas discursivas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos procedimentos expostos, constituiu-se uma ferramenta prática para a análise de fontes primárias. Essa ferramenta foi obtida a partir do método arqueológico de Michel Foucault e sendo apresentada alguns empecilhos e inconclusões, demonstrou-se uma inviabilidade enquanto método universal. Valorizando o material produzido por Foucault, mas descartando procedimentos inviáveis por serem muito específicos e mais exemplificados do que descritos, o percurso e os procedimentos de análise dos objetos foram otimizados.

Dedica-se esse conjunto de procedimentos para pesquisas que considerem objetos, temas ou fontes documentais discursivas. Conclui-se que esses procedimentos formam um conjunto que possibilita investigar as práticas objetivadoras nos discursos documentais, pois a partir das exposições de Platão e de Veyne, demonstrou-se que os objetos não preexistem às práticas que os objetivaram. Essa demonstração de procedimentos implica que investigar e comparar, em fontes documentais, os modos de produção dos objetos do discurso permite fazer o percurso dos objetos do discurso às práticas que os produziram concluindo que todo objeto de um discurso é produto de um conjunto de práticas imanentes à um tempo histórico, desdobrando na consequência de separar ou aproximar discursos distintos a partir das práticas que os produziram no caso da possibilidade de estabelecer semelhança ou diferenciações na análise das práticas.

Em termos de procedimentos, foram definidas três etapas: o recorte dos objetos, análise do referencial e da formação dos objetos e a descrição dedutiva das práticas discursivas. A forma como procedo na sequência de etapas está fundamentada na teoria arqueológica de Foucault, porém, com uma otimização nas definições e uma definição clara da sequência de etapas.

A otimização se manifesta em uma sequência coerente que vai da análise das dimensões enunciativas do próprio discurso, passando pelo filtro de questionamentos dedutivos das formações discursivas e concluindo na caracterização das práticas discursivas históricas que formaram representações sobre diversos temas, objetos e relações.

Portanto, em resumo, o percurso estabelecido para essa pesquisa vai da análise da dimensão enunciativa (ao nível do referencial), é explicado ao nível das formações discursivas (configurando o feixe de relações que manifestam um objeto discursivo) para pôr fim caracterizar as práticas discursivas históricas que possivelmente deram existência a esse modo de dizer a realidade.

Conclui-se, então, que não é o objeto discursivo que por si mesmo se difere de outro, pode-se com esse percurso metodológico demonstrar como objetos distintos, tanto em suas configurações discursivas como em seu tempo histórico, podem ter semelhanças a partir das práticas que os produziram, caso sejam análogas, ou ao contrário, como objetos semelhantes em sua configuração discursiva, foram produzidos por práticas históricas distintas.

REFERÊNCIAS

DE MELO, V. D.; VITORINO, A. J. R. Sobre a continuidade metodológica em Michel Foucault: da fundamentação de uma teoria do enunciado para o cuidado de si. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 35, n. 75, p. 1-30, 2021. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v35n75a2021-59471>. Acesso em: 24 out. 2022;

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2008.

KOSELLECK, R. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992.

PLATÃO. *Diálogos*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda. 1999. (Coleção os Pensadores).

VEYNE, P. M. *Como se escreve a história*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1982.



Recebido em 09/09/2022. Aceito em 09/10/2022.